



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

SAMARA SARÁTY TEIXEIRA

**COMO ACONTECE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR
DA LINGUAGEM DO DESENHO?**

BRASÍLIA

2022

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

SAMARA SARÁTY TEIXEIRA

Como acontece o processo de ensino e aprendizagem a partir da linguagem do desenho?

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais
Licenciatura da Universidade de Brasília, orientada pela
Profª Rosana Andrea Costa de Castro.

**BRASÍLIA
2022**

Dedico esse trabalho aos meus familiares e amigos que sempre acreditaram em mim, mas também o dedico para Samara, que nem sempre acreditou ser capaz de conquistar tudo o que conquistou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, aos meus pais Sandra Nicolau Saráty e Carlos Cesar Gomes Teixeira, por sempre apoiarem os meus estudos.

À minha orientadora Prof^a Rosana, que acolheu o tema que eu havia escolhido e organizou de tal forma que fez com que eu me sentisse incentivada a escrever, sem todo aquele sofrimento e desgaste que geralmente acompanham o TCC.

Aos meus amigos que sempre acreditaram em mim e me incentivaram muito durante esses anos complicados de formação acadêmica.

Aos professores que incentivaram as minhas habilidades e me fizeram crescer como artista e profissional.

E por fim, a minha psicóloga que me ajudou a acreditar que eu poderia superar minhas dificuldades.

RESUMO

Apresenta-se neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UNB), uma reflexão acerca do ensino do desenho para educação básica e a formação de professores nas universidades brasileiras, assim como seus benefícios para os processos cognitivos baseando-se na teoria histórico-cultural de Vygotsky.

Com base em desenhos de mapas afetivos, foram feitas análises que demonstram a importância da afetividade para a memória e aprendizagem. Observou-se como as lembranças escolares impactam e como o desenho auxilia na demonstração desses sentimentos.

Palavras-chave: desenho; artes; ensino; memória; afetividade; mapa.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper of the Degree in Visual Arts at the University of Brasília (UNB) presents a reflection on the teaching of drawing for basic education and the training of teachers in Brazilian universities, as well as its benefits for cognitive processes based on Vygotsky's cultural-historical theory.

Based on affective map designs, analyzes were carried out that demonstrate the importance of affectivity for memory and learning. It was observed how school memories impact us and how the drawing helps in the demonstration of these feelings.

Keywords: drawing; Art; teaching; memory; affectivity; map.

SUMÁRIO

MEMORIAL _____	8
INTRODUÇÃO _____	10
Capítulo I: Desenho e a expressão gráfica _____	12
Capítulo II: O desenho sob a perspectiva da abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano _____	17
Capítulo III: Mapeando os afetos base teórico-epistemológica _____	22
Relato de Experiência em HQ _____	33
CONCLUSÃO _____	35
REFERÊNCIAS _____	36

MEMORIAL

Meu nome é Samara, sou estudante do curso de Artes Visuais da Universidade de Brasília, na habilitação em licenciatura. Pertencço a uma família na qual a maioria dos integrantes optou por fazer medicina e sou a primeira integrante que se arriscou para além do óbvio. O interesse pelo desenho começou muito cedo, mas nunca tive incentivo para aprofundar-me nos estudos do que eu realmente gostava. Desenhar era visto por mim, e pelos meus familiares como um *hobbie*.

Atuar profissionalmente como uma artista era uma proposição quase que abstrata, já que não havia artistas na minha família para eu ter uma referência mínima sobre a carreira. A formação mais próxima e factível para a minha proposição seria o curso de arquitetura. Essa, portanto, foi a opção. Cursei dois semestres e fiquei apaixonada pela arquitetura, por outro lado, percebi, mas ainda, que não era aquilo que eu almejava. Queria ser livre para criar, estudar de modo aprofundado as técnicas de pintura e de desenho. Então, passei em artes visuais na UnB em 2016 e me decepcionei por não ser bem aquilo que eu sonhava. Essa decepção ocorreu nas duas habilitações, pois imaginava que veríamos com mais detalhes as técnicas nas matérias de desenho e pintura, por exemplo, onde houveram pouquíssimas aulas de modelo vivo.

Ao longo do curso, explorei bastante o meu trabalho articulado com as ideias sobre a arte contemporânea e conheci um outro lado meu como artista. Porém, gostei mais da ilustração e me encontrei com outras pessoas dentro do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) que compartilhavam da mesma paixão, ainda que não encontrássemos no currículo e nos processos de ensino-aprendizagem do curso, espaços dedicados à ilustração. O apoio desse grupo foi importante para que eu buscasse enriquecimento curricular em outras fontes fora da universidade. Essa busca me abriu as portas para conhecer profissionais da área de ilustração e para ampliar o meu olhar para as outras possibilidades de atuação dentro do campo da arte.

A licenciatura chegou um pouco tarde para mim pois não me interessava e não me imaginava dando aulas. No entanto, após os estágios obrigatórios, comecei a me apaixonar pelo processo. Observar os alunos pintando e desenhando, me encantou. Um dia, caso me torne professora, quero incentivar os alunos a desenvolverem-se essas habilidades

artisticamente e, se for do interesse deles, auxiliá-los a buscar uma formação superior em arte. Gostaria que eles não tivessem as mesmas dificuldades que eu tive por falta de referências a serem seguidas que, de algum modo, limitaram o meu processo criativo. Talvez eu esteja propondo essa possibilidade para a minha possível atuação como professora porque o único incentivo que eu tive, veio de um professor da educação básica.

O desenho sempre me ajudou a manter minha concentração nas aulas. Ao lado de cada matéria anotada, eu desenhava para me concentrar e para entender o conteúdo. Os professores sempre reclamavam disso. Até que um dia um professor de física veio até a minha mesa e elogiou os meus desenhos. Disse também que, na faculdade, ele sentiu falta de saber desenhar porque precisava delinear esquemas, gráficos e engrenagens complicadas, e não tinha os recursos técnicos para executá-los, mesmo gostando muito dessa atividade.. Ele ter tirado um tempo para elogiar meus desenhos e me incentivar, fez toda a diferença. Hoje entendo que o desenho é de fato multidisciplinar e pode auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem de diferentes campos de estudos. Esse episódio foi um dos que me motivou a tratar do desenho como tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com foco em sala de aula da educação básica e na minha paixão por essa técnica.

Desenhar, hoje em dia, tornou-se o meu trabalho. Sou *concept artist*, *character designer* e ilustradora. Comecei a trabalhar em uma *startup* de educação voltada para realidade aumentada e está sendo uma experiência única. O projeto que estamos desenvolvendo visa incrementar o modo como as crianças aprendem em sala de aula, como uso de modelos 3D interativos e de um aplicativo intuitivo que disponibiliza vários conteúdos. Há um investimento robusto no campo das artes visuais para a concepção do aplicativo com o objetivo de torná-lo mais interessante e atrativo para as crianças, em geral, já habituadas com o uso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDIC).

Por fim, devo reconhecer que o desenho faz parte de mim tanto sob a perspectiva da educação quanto da minha recente experiência profissional, e que o desenho estava em mim desde os tempos da escola quando me ajudava a compreender os conteúdos. Quero, como professora, inspirar meus alunos a seguirem suas habilidades, principalmente artísticas e a não duvidarem que são capazes. Quero que eles compreendam que desenhar, como qualquer outra área de interesse, também precisa ser valorizada porque tem espaço para atuação profissional, entre os quais, o que eu estou experimentando atualmente.

INTRODUÇÃO

O ensino do desenho remete ao Brasil Colônia quando chegou por aqui a família real e, com ela, as aulas de debuxo (QUADROS, 2007). Desde essa primeira incursão, ao longo de muito tempo, o desenho manteve-se presente em cursos superiores de engenharia e de formação militar. Na década de 1950, começaram a surgir os primeiros cursos profissionalizantes e superiores que licenciavam para atuar no ensino médio. Cursos profissionalizantes para professores da área só foram ser disponibilizados a partir da década de 50. O público-alvo desses cursos, em geral, eram engenheiros e professores de matemática, que davam aula de geometria e não possuíam a formação específica para lecionar na educação básica (MACHADO e FLORES, 2013).

No campo da educação, ao final dos anos 1960, houve uma aproximação do desenho, até então fortemente vinculado às áreas de exatas, com as artes visuais. A obrigatoriedade de formação superior para a atuação como educador artístico na educação básica (BRASIL, 1971), fundamentou a oferta dos cursos de Educação Artística nas universidades. Os currículos dessa recém-criada licenciatura abrigaram o desenho como disciplina e como uma habilitação para atuar na escola. Desta maneira, o ensino do desenho na escola deixou de ser ofertado para os engenheiros e matemáticos licenciados para tal. O professor de desenho na escola, a partir de 1971, passou a ser o educador artístico.

O que se viu após essa mudança foi a paulatina redução do espaço do desenho em sala de aula da educação básica, que com a mudança mencionada anteriormente, passou do técnico para o artístico. Atualmente, não é difícil constatar, que há pouco espaço para o desenho nos cursos de artes visuais no ensino superior, inclusive, como atividade extracurricular nas universidades, e isso afeta não só o aluno que quer se profissionalizar na área, mas também aquele que quer aprender a se expressar por essa técnica e sua linguagem não só nas artes visuais, como também nos cursos da engenharia, por exemplo, que muitas vezes precisarão do desenho para o planejamento dos seus projetos.

O desenho tem sua importância no mercado de trabalho e para além disso é uma linguagem essencial para interpretar o mundo em que vivemos, para explorar os nossos processos criativos, nossa percepção, imaginação, memória, etc. Por isso, as discussões apresentadas neste TCC adoraram a perspectiva da importância do desenho não só para a vida

profissional, mas também pessoal. Desenhar é uma excelente ferramenta para expressar o que sentimos.

O desenvolvimento deste TCC foi motivado principalmente por experiências pessoais e acadêmicas já relatados anteriormente. O desenho é um tema de grande importância para mim e queria aliar esse meu interesse com a conclusão do meu curso. Quero deixar registrado alguns benefícios que esse estudo pode trazer e como ele pode agregar possibilidades de estudo e atuação para as vidas pessoais e profissionais das pessoas.

No primeiro capítulo conto um pouco sobre a história do ensino do desenho e trago algumas experiências que tive em estágios obrigatórios do curso de Artes Visuais - Licenciatura que fiz em escolas públicas do DF. Além disso falo sobre alguns benefícios que o desenho pode trazer para os alunos, no que diz respeito ao desenvolvimento da atenção, memória, percepção de imagens. Explico também como é importante conhecermos aspectos básicos do desenho para que consigamos interpretar imagens que nos bombardeiam a todo tempo.

No segundo capítulo falo um pouco sobre a abordagem histórico-cultural de Vygotsky. Analiso como o desenho pode ser uma grande ferramenta para o desenvolvimento humano, ampliando nossas funções psicológicas superiores principalmente por ser uma linguagem.

No terceiro capítulo apresento a minha pesquisa utilizando mapas mentais e a ideia de afeto, empregados para propor que adultos delineassem os caminhos que eles faziam desde as suas casas até a escola. Com base nos desenhos produzidos, analisamos de que maneira os adultos podem expressar sentidos, significados e sentimentos. Por fim, explico e falo um pouco sobre a afetividade na educação e como nossas experiências escolares nos impactam.

No quarto capítulo eu apresento um relato de uma experiência na Escola do Parque da Cidade (PROEM) que foi um dos contextos de atuação no meu estágio obrigatório. Escolhi narrar essa experiência por meio de uma história em quadrinhos. Essa escolha está fundamentada nos meus argumentos anteriores sobre a relevância de espaços para o desenho tanto na educação básica quanto na educação superior. Fechando o TCC, estão as considerações finais e as referências.

CAPÍTULO 1

O Desenho e a Expressão Gráfica

A trajetória do ensino do desenho no Brasil, desde a chegada da família real portuguesa até os anos 1960, foi fortemente marcada pelo seu vínculo com as áreas de engenharia e com as instituições militares. No final dos anos 1960, surgem as primeiras aproximações do desenho com os cursos de artes em nível superior ofertados pelas universidades (MACHADO e FLORES, 2013)

Nos anos de 1950, no governo de Getúlio Vargas, foi criada a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão de Ensino Secundário (CADES), com o objetivo de ofertar cursos para professores de ensino secundário (MACHADO e FLORES, 2013). No que diz respeito aos cursos de desenho da CADES, o público-alvo, em sua maior parte, era formado por engenheiros e matemáticos que atuavam como professores de desenho geométrico.

Segundo Machado (2013), no final dos anos 1960, o desenho de cariz exclusivamente técnico nas licenciaturas em matemática foi sendo paulatinamente aproximado do desenho artístico. As autoras explicam que primeiro surgiram as Licenciaturas em Desenho e Artes Plásticas que não lograram sucesso em virtude dos seus currículos que permaneceram fundamentados sobre os conteúdos técnicos e evidenciaram muito pouco do conteúdo artístico do desenho.

Na sequência, com a publicação da Instrução Normativa nº 23 do Conselho Federal de Educação, atual Conselho Nacional de Educação (CNE), os cursos de Licenciatura em Educação Artística absorveram a demanda de formar professores de desenho para atuar na educação básica. Esses cursos e, no final dos anos 1980, os cursos de Licenciatura em Artes Plásticas, passaram a ofertar o desenho artístico para a formação do professor do ensino médio e do ensino fundamental, à época denominados de ensino secundário e primário respectivamente.

Machado e Flores (2013) explicam que essa mudança promovida pela IN nº23 publicado pelo CFE impactou fortemente o desenho como componente historicamente presente na formação superior, primária e secundária no Brasil. Segundo as autoras, entre

outras consequências desse impacto, ocorreu a supressão da disciplina de desenho das grades de carga horária das escolas. Observamos que houve a substituição do desenho pelo componente curricular arte integrado pelas artes visuais, música e teatro.

A ausência de um momento dedicado ao estudo e à prática do desenho na educação básica, possivelmente, resultou em que ao ingressar no curso de Artes Visuais, eu tenha chegado com a vontade de ampliar meus conhecimentos em desenho. Porém, logo percebi que eram poucos os professores que lecionavam essa matéria com o engajamento que suprisse as minhas expectativas. Aprender desenho não era incentivado e sim a sua desconstrução, que também foi um processo interessante, mas precisei procurar cursos de desenho por fora para conseguir evoluir na minha forma de expressão e todos foram particulares. Caso eu não tivesse me dedicado e sido de algum modo autodidata, não teria tido a evolução que tive nos últimos anos, conseguindo me profissionalizar na área.

As aulas de desenho na educação básica, em geral, trazem práticas que pouco estimulam os alunos, ao invés disso, que parece que buscam reproduzir movimentos mecânicos, segundo Yaeko (2015). As crianças são pouco incentivadas a criar e acabam apenas copiando os desenhos propostos nas atividades. A imaginação e a criatividade são postas de lado muitas vezes; e por falta de incentivo dos professores e sem atividades interessantes, os alunos podem acabar acreditando que não sabem desenhar. A ação de desenhar é tratada como uma atividade improdutiva, para passar o tempo. De acordo com Yaeko (2015), esse é um tratamento equivocados. Para a autora, a ação de desenhar auxilia no desenvolvimento cognitivo da comunicação e escrita, por exemplo. É preciso entender também que é papel do professor orientar a criança na aprendizagem do desenho, já que é preciso traçar estratégias pensando no seu desenvolvimento. (Yaeko, 2015).

Observei em 2019 uma aula na Escola da Natureza, que fica dentro do parque da cidade em Brasília.. Essa escola recebe alunos do período integral no contraturno. Antigamente só atendia crianças pequenas, mas agora adolescentes também a frequentam, por uma decisão da Secretaria de Educação. Observei uma aula de pré-adolescentes na faixa etária de 12 e 13 anos. A sala era bem apertada, empoeirada e fazia bastante calor. Não havia quadro, nem televisão para mostrar as imagens.

A professora iria atuar tratando sobre o tema dos animais do cerrado e ao mesmo tempo, com o conceito de palavras como “amizade” e “solidariedade” que apareciam nas ilustrações que serviram de recurso didático para o estudo proposto. Os alunos pareciam não estar prestando atenção por suposição, imaginei que aquela estratégia para tratar sobre o conteúdo não se relacionava com a realidade deles. O livro selecionado pela professora cujas páginas eram apresentadas aos estudantes, de 12 a 13 anos, estava indicado para as crianças de 5 anos. Depois da leitura em voz alta do livro, a professora decidiu aplicar uma atividade prática que pareceu pouco instigante. A proposta da atividade era que os estudantes deveriam pintar desenhos prontos, que ela havia impresso do livro com lápis de cor ou giz. Os alunos até animaram-se por ser uma atividade prática, mas a falta de desafio foi os deixando-os entediados.

Não havia incentivo por parte da professora e ela não permitia que os alunos nem imaginassem cores diferentes. Tudo deveria ficar exatamente como no livro, sem que o fundo do papel branco aparecendo, segundo Barbosa (2019), “as únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir e, no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças.” A realidade de algumas escolas públicas é tão complicada que o professor tem que se desdobrar para deixar as aulas interessantes e a abordagem triangular acaba por ser utópica nesses casos. Imagino como deve estar sendo difícil para os professores, pois precisam competir com as tecnologias para manter os alunos interessados, além do desafio de lidar com as TDIC, com a falta de acesso a internet e a outras tecnologias por parte dos alunos, em especial em tempos de pandemia.

Para conseguir tratar do conteúdo de desenho de forma eficiente, é importante que se tenha, segundo Yaeko(2015), uma formação continuada do professor de artes visuais. Como vimos no texto de Machado (2013), o professor encontra grande dificuldade de formação, não compreendendo os conteúdos necessários de desenho e nem como ofertar esses conteúdos de forma pedagógica. Yaeko (2015) diz que há uma dificuldade pois os conteúdos muitas vezes não acompanham o desenvolvimento das crianças.

Além da crença de que não sabem desenhar ou de que desenho é uma atividade improdutiva, Yaeko (2015) também destaca o equívoco derivado e as consequências improdutivas da ideia de que habilidades artísticas são “dons”. Em diversos momentos, ouvi

como artista que o que eu fazia era um “dom”, quando na verdade foi resultado de muitos exercícios e estudos, assim como habilidades matemáticas por exemplo.

Vejo que essa crença é muitas vezes utilizada para justificar o fato de não saber desenhar e para diminuir o esforço do artista. Segundo a autora, “não se trata de uma questão de “dom”, mas fundamentalmente de oportunidade de apropriação da cultura” ou seja, é preciso que o professor oriente o aluno por essa nova habilidade, fazendo chegar até ele as técnicas e as ferramentas que pode usar para se expressar, desencadear os seus processos criativos, a, imaginação e coordenação motora, por exemplo.

Seria importante que o professor de artes visuais orientasse os alunos para ampliarem o seu repertório visual, pois quanto mais imagens temos acesso, maior será nossa capacidade de discernir quais são de qualidade ou não. Barbosa (1991) diz que a educação artística tem grande valor para profissionais de todas as áreas. A autora exemplifica as suas assertivas recorrendo à formação dos designers, que se tiveram uma boa educação em artes, desenvolveram seu olhar e possivelmente seus trabalhos trazem a influência das imagens estudadas por eles, carregando uma estética com certeza mais agradável. Por isso, a autora enfatiza que o desenho também poderia ser estudado com mais enfoque pelos adolescentes, que estão na idade de decidir o que fazer no futuro. Barbosa (1991) cita que a maior parte das profissões estão diretamente ou indiretamente ligadas às artes, então se faz importante que o indivíduo desenvolva os conhecimentos necessários da área.

Através das formas perceptivas conseguimos identificar características nas imagens que podem ser usadas como mais uma forma de interpretação. Além de saber contextualizar as obras e saber sobre sua história, o aluno pode aprender a tecer críticas específicas sobre a estrutura dos desenhos a partir do momento que descobre novos vocabulários.

O professor de artes visuais pode trazer conhecimentos sobre *gramática visual* que consiste em termos usados para descrever as formas contidas nas imagens. É importante trazer para o conhecimento do aluno conceitos básicos do que é ponto, linha, forma, relações de figura e fundo, pois tudo isso se aplica não somente às obras de arte, mas também à propagandas que hoje em dia somos constantemente bombardeados.

Barbosa (1991) diz que o tempo todo recebemos imagens consciente e inconscientemente, por isso precisamos estar preparados para entendê-las. Leborg(2006), explica as várias definições que podem auxiliar no entendimento dos elementos composicionais.. Ele apresenta esses elementos utilizando a ideia de formas abstratas e formas concretas e traz definições como: “ponto: você não pode ver ou sentir um ponto; ele é um lugar que não tem área. O ponto tem uma posição que pode ser definida por coordenadas.” ou o que são formas geométricas, formas orgânicas e formas aleatórias (pg.10). São conceitos relativamente simples que podem também ajudar os alunos a construir suas próprias imagens.

As formas, as cores, a composição, tudo isso tem algo a dizer dentro das obras de arte. Por exemplo, em desenhos animados os personagens podem ser definidos pelas suas formas. Reconhecemos facilmente a silhueta do Pernalonga, do Popeye ou de desenhos mais recentes como Steven Universe. Vilões quase sempre trazem elementos pontiagudos para demonstrar perigo, assim conseguimos ver o quanto são desagradáveis. Porém, se quero um personagem mais adorável, simpático, coloco formas mais arredondadas, “fofinhas”.

Os cenários também podem seguir a mesma lógica. Nós sentimos a diferença entre o castelo da Fera e a vila onde a Bela morava através das cores e das formas. Por isso a linguagem do desenho é tão importante para a comunicação visual. Através dela conseguimos nos comunicar com mais clareza com o observador.

Oferecer o desenho como atividade para os estudantes, além de desenvolver sua percepção das imagens, seu senso crítico, sua noção de estética, sua auto expressão, etc, também ativa e desenvolve partes do cérebro, provoca novas sinapses e ativa os sentidos ao trabalhar a percepção, de acordo com Cury (2017). Conforme desenhamos, criamos memórias musculares, que nos permitem posteriormente repetir esses mesmos movimentos. Quanto mais círculos se desenha, melhores serão os próximos. Exercitar as linhas promove fluidez e confiança na hora de desenhar. Segundo Cury (2017), “a observação, quando acompanhada do desenho, disciplina e reforça a atenção; assim como desenvolve tanto a capacidade de observação (sistema sensorial) quanto a manipulação (sistema motor). (p. 147).

CAPÍTULO 2

O Desenho Sob A Perspectiva Da Abordagem Histórico-Cultural Do Desenvolvimento Humano

O desenho, conforme nos demonstram os vários estudos sobre o surgimento e o fortalecimento da espécie humana, esteve presente desde os primórdios. O desenho foi importante para o registro da história das nossas vidas enquanto espécie quando ainda não tínhamos a escrita desenvolvida. Além disso, podemos dizer que por intermédio dos primeiros desenhos que surgiu o despertar cultural que Cury (2017, p.125) chama de o “*Big Bang* da cultura humana”. Esse despertar é considerado por muitos arqueólogos, de acordo com Cury(2017), que relatam o aparecimento de desenhos nas cavernas como uma dos grandes feitos do ser humano. Esses registros já eram usados como forma de linguagem no paleolítico. O ser humano cultivou esse hábito até a descoberta da escrita, onde usavam símbolos para atribuir significados.

Podemos dizer que ensinar a escrever também envolve o desenhar. A criança começa a desenvolver seus primeiros rabiscos no papel através do que chamamos de “garatujas”, desenhos com linhas sem significados e caóticos. Depois na alfabetização precisa aprender a decorar o desenho de cada letra e repetir esses movimentos até aprender a escrever seu próprio nome e mesmo que não saiba ler ainda, consegue gravar que aquele símbolo representa seu nome. Barbosa (1991) explica que as artes plásticas fazem a criança desenvolver uma *discriminação visual*, que, segundo ela, é essencial para o processo de alfabetização. A criança passa a entender que uma palavra é diferente da outra só pela observação do desenho das letras. Barbosa (1991) diz que cada palavra tem sua configuração gestáltica e isso ajuda a criança nessa discriminação visual.

A Teoria Histórico-Cultural do Desenvolvimento Humano nos ajuda a entender a importância da arte no processo do desenvolvimento humano. Cury (2017), fundamentada nessa teoria, explica que a relação do homem com a linguagem, com os símbolos e com os desenhos, trouxe a cultura e o registro da história. Também fundamentadas pela mesma teoria, Cenci e Damiani (2018), explicam que para entender que o ser humano é um ser que se desenvolve a partir da sua cultura e das suas relações sociais é necessário compreender que esse ser também se desenvolve por intermédio das ferramentas psicológicas superiores

(desenho, linguagem, cálculos matemáticos) e dos signos, pois é por intermédio dessas ferramentas que ele desenvolve o que Vygotsky (1998) chama de funções psicológicas superiores.

Os seres humanos, entendidos como seres culturais, se relacionam com o mundo de forma mediada. Cenci e Damiani (2018), explicam que, para Vygotsky, os humanos se diferenciam dos animais por se relacionarem com o mundo através de dois conceitos: das ferramentas e dos signos, que ajudam na construção do meio cultural. Por exemplo, ao pegar a tocha (ferramenta), o ser humano alterou seu ambiente desenhando os animais que conhecia (signos) nas paredes das cavernas, se comunicando com outros e planejando como seriam suas caçadas.

Os signos que aprendemos determinam nossos comportamentos culturalmente. De acordo com Cenci e Damiani, a importância dos signos está no fato deles ampliarem a capacidade humana de refletir sobre o mundo. Ou seja, os signos ampliam a nossa imaginação e as conexões do pensamento. Sob a perspectiva de Vygotsky (1998), ao usar a linguagem e os signos através da mediação semiótica, os seres humanos expandem seu pensamento, sendo criativos e podendo transformar o seu meio. E, a partir desse movimento há tanto o desenvolvimento da consciência quanto do comportamento.

A partir do conceito de Funções Psicológicas Superiores (FPS), trazido por Vygotsky em sua teoria histórico-cultural, podemos ver que o desenho ajuda a promover essas principais funções, segundo Souza e Andrada (2013), memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção. De acordo com as autoras, essas funções se conectam por meio de nexos e criam assim um sistema psicológico. Segundo elas, esses nexos formados são o que atribuem novos sentidos e significados e com isso ocorre um aumento no desenvolvimento dos indivíduos.

Vygotsky (1998) diz que sem o uso de signos, as funções psicológicas superiores não se desenvolveriam, pois esses signos promovem os nexos entre nossos sistemas psicológicos. Segundo ele, graças à linguagem podemos acessar nossos conhecimentos e nos desenvolver como seres humanos. Conforme a fala se desenvolve na infância, ganhamos mais possibilidades de interagir com o mundo e os objetos ganham novos significados. Além disso, conforme essa fala vai ficando mais complexa, mais complexo vai ficando nosso pensamento. Portanto, a linguagem foi muito necessária para que conseguíssemos pensar símbolos e significados mais complexos, segundo Souza e Andrada (2013). Ainda segundo as

autoras, para Vygotsky, essa complexidade do pensamento que nos leva a consciência, também nos transforma. A partir da escrita da palavra e da fala, ocorre a mediação da cultura, que promove segundo Vygotsky, a apropriação do externo e a apropriação de si mesmo.

O desenho, assim como a palavra, também permite essa apropriação para o ser humano de si mesmo. Expandimos nossa consciência através da aprendizagem do desenho, pois exercitamos funções psicológicas superiores. No estudo da anatomia, por exemplo, nós observamos o modelo e podemos nomear os músculos, mas através do desenho memorizamos os movimentos que eles fazem. O desenho nos permite observar e estudar melhor tudo o que temos à nossa volta. Conforme desenvolvemos essa habilidade, mais o nosso olhar se aprimora. Os seres humanos usam o sistema simbólico para compartilhar e acumular conhecimentos, segundo Silva (2017), não só pela escrita mas também por imagens. O desenho, por ser uma linguagem, também ajuda no processo de comunicação entre os seres. Os elementos composicionais do desenho são usados de modos multidisciplinares e sem eles não seria possível visualizar alguns conteúdos. A partir do momento que os professores de física montam um sistema para calcularmos a que velocidade a bolinha cai sobre a mesa, conseguimos visualizar melhor e entender sua explicação via um esquema produzido por técnicas de desenho. É importante que alunos e professores entendam esse sistema simbólico do desenho, para que possam aprender e passar o conteúdo de forma mais eficiente, como no exemplo dado sobre a explicação do professor de física.

Cury (2017), explica sobre o conceito do desenho como um dos instrumentos utilizados por Leonardo da Vinci para compreender o mundo. Da Vinci utilizava essa ferramenta para olhar e estudar os objetos à sua volta. A partir do momento que olhava e desenhava, ele conseguia compreender as leis da natureza, segundo a autora, e assim essa observação e prática o ajudava a desenvolver sua imaginação. O processo de criar e imaginar coisas só era possível graças a esses estudos que o permitiam inventar suas fantasias. Cury diz que o desenho é uma ferramenta importante pois desenvolve a nossa observação. A partir disso vemos que o desenho medeia a nossa interação com os objetos, nos permitindo conhecê-los mais detalhadamente.

De acordo com Moreira (1991, p.20), a criança usa o desenho como linguagem e comunica muitas vezes o que sente através de seus registros. Ao entrar na escola, muitas vezes essa habilidade do desenho não é desenvolvida. Em muitos casos as crianças são levadas a desenhar livremente ou orientadas a colorir desenhos já prontos, o que as impede de

desenvolver sua imaginação e criatividade através da atividade proposta. Tsuhako (2016) explica que também é importante que o professor fique atento a como ofertar os conteúdos de desenho. Não pode ser uma proposta muito técnica para “aprender a desenhar” pois esse tipo de abordagem tira da criança a oportunidade de expressar o seu imaginário. A autora alerta que é importante levar o aluno para ampliar seu olhar, observando as formas da natureza, perceber as cores, as formas e as linhas, para que possa depois trazer isso para os seus trabalhos.

O desenho é para a criança como uma linguagem como o gesto ou a fala. A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever a criança se serve do desenho. (MOREIRA, 1991, p. 20)

Só é possível desenhar um símbolo caso você o conheça. Pode-se imaginar o que seja a “coisa” só pelo nome, mas só conseguirá desenhá-la se a tiver visto na realidade. Amaral (2011), refere-se a um pensamento de John Ruskin, “ensinar a desenhar é ensinar a ver, e ensinar a ver é ensinar a ler a lógica da natureza.”(pg. 19). Aprender a desenhar é aprender a compreender o mundo à sua volta e saber expressar a sua visão de mundo.

Ao desenvolver a percepção, ao ensinar a criança a ver, o professor favorecerá a ampliação de seu repertório não só no sentido de aumentar o material para o exercício da imaginação, como também para melhor compreensão de sua realidade e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do desenho. (Tsuhako, 2016. p. 33)

Reiteramos a perspectiva de Vygotsky, sobre a linguagem que permitiu que nos desenvolvêssemos como seres complexos com pensamento crítico, capazes de armazenar conhecimentos e a passar adiante. Aprender uma nova linguagem pode expandir a nossa criatividade, aumentando a potência que temos em transformar a nossa realidade.

Portanto, vemos que o desenho é um instrumento que auxilia o homem no desenvolvimento das suas Funções Psicológicas Superiores. Assim como a linguagem, ajuda na evolução do pensamento a partir do momento que construímos uma biblioteca que nos

permite criticar e compreender aquilo que vemos. Com a compreensão dos objetos e dos signos, conseguimos melhorar a nossa percepção e por consequência a nossa imaginação.

CAPÍTULO 3

Mapeando Os Afetos Base Teórico-Epistemológica

A afetividade tem sido um objeto de pesquisa da pedagogia, entre outros focos porque influencia diretamente no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Através do respeito, cuidado e empatia por parte dos professores, os alunos se sentem pertencentes a um grupo, reconhecidos e acolhidos pela escola. Segundo Costa (2017) é importante que o professor se atente aos interesses e necessidades dos alunos e tem como ato afetivo o conhecimento.

Henri Wallon foi um estudioso da afetividade que acreditava, sendo uma das referências de Costa (2017) que explica que a afetividade é fundamental no desenvolvimento do indivíduo e que educar é além de tudo ajudar o aluno a tomar consciência de si, dos outros, da sociedade em que se vive e também do seu papel dentro dela. Ao ouvir a palavra “afeto” relacionamos com carinho, mas na verdade ela tem o significado de empatia. As ações dos professores influenciam como os alunos vão os enxergar. O aluno quando é notado e recebe essa atenção do professor, assim como uma atitude de respeito, se sente incentivado a ir bem nos estudos, “o afeto é importantíssimo para que o profissional seja considerado um bom professor e principalmente para que o aluno se sinta importante e seja valorizado” (Costa, 2017). Somente o afeto pelo afeto não é suficiente, é preciso que o professor também consiga passar os conteúdos de forma clara e efetiva.

Meu maior interesse na escola eram as aulas de história, artes e biologia. Sempre tive pavor de aulas de exatas, pois os professores das escolas em que estudei sempre se mostraram distantes, só tinham proximidade com os alunos que já eram interessados pelos componentes curriculares que eles ministravam.

O desenho sempre foi um assunto que me interessou muito, estava sempre desenhando nas carteiras das escolas e nos meus cadernos. Não é à toa, que eu o escolhi para ser o norte da minha profissão. Em casa eu já não tinha esse apoio para investir nessa habilidade e na escola muito menos. Professores sempre chamavam a minha atenção e eu não conseguia me dedicar aquelas matérias complicadas com muitos números pois me achava incapaz, não conseguia. Por ser muito tímida na escola eu quase não conversava ou tirava as minhas dúvidas então apesar de estudar muitos anos na mesma instituição, poucos professores me conheciam e poucos tiveram o interesse de se aproximar. Um professor de

física uma vez chegou na minha mesa um pouco antes da aula começar e simplesmente puxou assunto sobre os meus desenhos, se mostrou interessado, perguntou o que eu queria ser no futuro e falou que na faculdade precisou muito de desenho, mas como não tinha tido essa matéria na escola, sofreu um pouquinho para aprender sozinho e deixar suas aulas mais interessantes. Essa conversa mudou totalmente como eu enxergava aquele professor. Apesar de ser uma aula de física, eu ficava ansiosa para chegar. Prestava mais atenção no que ele falava e consegui inclusive tirar notas melhores. Essa é a importância do afeto na escola. Por ser muito tímida, eu era meio excluída e esse professor me acolheu e notou o meu objeto de maior interesse.

[...] as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhida, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões. (LEITE E TASSONI apud COSTA, 2017, P.11)

Foi relevante para essa pesquisa trazer essa situação que nunca me esqueço, pois ela ilustra o que será dito neste capítulo. Costa (2017) diz que os professores reclamam que muitas crianças não fazem suas tarefas escolares e atividades propostas. Isso se deve, segundo a autora, a falta de se sentir pertencente a um grupo e sentir simpatia pelo professor e gostar da escola. O aprendizado está ligado à afetividade. A relação entre professor e aluno deve ser boa, mas não significa, segundo Costa (2017), que ele não deva também corrigir e dar limites, “deve-se usar toda a energia que a criança apresenta em determinada atividade, para que ela possa se empenhar, motivar, ter energia para desempenhar outros processos de aprendizagem.” (COSTA 2017, p.11). Portanto, neste capítulo proponho a reflexão através de mapas afetivos, para entendermos a relação importante de afetividade que idealmente devemos ter com a escola.

Neves (2010), explica sobre o conceito de mapa e os tipos de mapa. Podemos entender a partir do estudo da autora que mapear é representar alguma coisa, porém, representar envolve criação que está presente em toda e qualquer ação cognitiva diz Neves (2010). Conhecemos muitos tipos de mapas, como mapas cartográficos, mapas conceituais e mapas cognitivos, por exemplo.

Os mapas mentais coletados por essa pesquisa, estão diretamente ligados com a afetividade e com a memória. No texto de Silva e Lira(2017), os autores trazem uma comparação feita por Platão, onde ele diz que a memória funciona como um bloco de cera, “em que as experiências de vida eram cravadas”. Porém, os autores trazem um contraponto, ao dizerem que consideram que a memória é um processo semiótico “que, construindo significados, regula a adaptação do sujeito ao ambiente e, juntamente com outros processos cognitivos e afetivos, tem um papel essencial no desenvolvimento humano e na aprendizagem.” (ZITTOUN e Cols. apud SILVA e LIRA, 2017, pg.34).

A partir da teoria de Vygotsky, compreendemos no capítulo anterior que durante o desenvolvimento do ser humano ocorre o que é chamado de internalização, que consiste no processo de internalizar os conhecimentos adquiridos durante as nossas interações com o ambiente e com as outras pessoas. Segundo Silva e Lira(2017) “o sujeito internaliza elementos do seu dia a dia, a partir de sua relação com o ambiente (relações sociais)” e para Vygotsky (apud Silva e Lira, 2017) “O modo pelo qual o sujeito interage com o ambiente irá determinar como o significado será internalizado”. Com base nas ideias sobre a afetividade e os mapas, propusemos recuperar os afetos e as memórias que as pessoas tem com o ambiente escolar, “o que um sujeito lembra e como o faz depende de sua localização no contexto sociocultural na sua trajetória de vida” (MEAD, ZITTOUN E COLS, APUD SILVA E LIRA, 2017) pessoas com contextos sociais diferentes vão desenhar e lembrar de diferentes coisas.

A percepção que temos do ambiente é influenciada pelo afeto que temos pelo caminho, pela cidade e por onde queremos chegar. De acordo com Lacerda (2011), a percepção tem a ver com conhecer através dos nossos sentidos. A paisagem que vemos atinge principalmente o sentido da visão, mas não é somente por isso que somos afetados, de acordo com a autora. “Se a paisagem é um ponto de vista, ela é também um ponto de contato, ela é o espaço que nos atravessa e nos engaja como observadores” (BARDA apud Lacerda, 2011, pg. 52).

O que vivemos influencia em como representamos e em como lembramos dos detalhes daquela paisagem. Escolhemos representar aquilo que nos chama mais atenção visualmente e dependendo da memória preferimos nem desenhar. Alguns dos desenhos que as pessoas fizeram para esse TCC mostram claramente isso. Em alguns por conta de experiências ruins podem não haver muitos detalhes. Já em outros, onde há uma clara relação

de afeto com a escola e com o caminho que era percorrido vemos uma riqueza de detalhes e até o uso de cores.

A percepção da paisagem vai muito além de uma simples análise ótica. Ela não deve se restringir apenas ao que pode ser descrito visualmente, mas sim vinculada a um lado subjetivo na maneira de ver e sentir que, inevitavelmente, se apoia em objetos concretos de composição.(LACERDA, 2011, pg.53)

Enquanto vivemos estamos sempre criando mapas mentais. Conforme vamos passando por caminhos diferentes, pessoas diferentes, esses estímulos não só nos influenciam como criam mapas cognitivos. Estamos o tempo todo fazendo pequenos esquemas mentais que não percebemos. Porém, as imagens que vemos não são uma cópia dos objetos, segundo Neves(2008). Cada um enxerga de uma forma diferente, e as nossas interações com as pessoas e com o ambiente influenciam nisso diretamente. “[...] o mapa é a ação de uma percepção simulada dentro de nós. Sendo assim, ele é a representação mais primária, é a própria ação experienciada” (Ala BERTHOZ, apud, NEVES 2008).

É importante entender que não se faz necessário que os mapas aqui analisados sejam exatamente como o caminho real. O que nos interessa são questões subjetivas e como aquela pessoa expressou suas memórias através do desenho. Neves (2008, pg.3) fala que o cérebro constrói mapas que não são fiéis ao ambiente, mas a partir das nossas estruturas internas são criados mundos únicos. “Enxergar o mundo por metáforas é inevitável” (LAKOFF e JOHNSON, apud NEVES 2008, p.3).

Algumas das pessoas que fizeram os mapas para esse TCC não desenhavam há pelo menos 30 anos. Foi incrível perceber através dos relatos como elas se sentiram ao revisitar não só esse hábito como essa memória afetiva, sobre isso, Harmon (apud Neves, 2008) diz que “o mapa é um veículo da imaginação e nos leva a lugares fantásticos”(p.10) Foi um exercício de rememorar experiências passadas e proporcionou que pessoas que desenhavam muito antigamente se expressassem de novo através dessa linguagem artística, lembrando da relação que tinham com a escola durante a sua infância e adolescência.

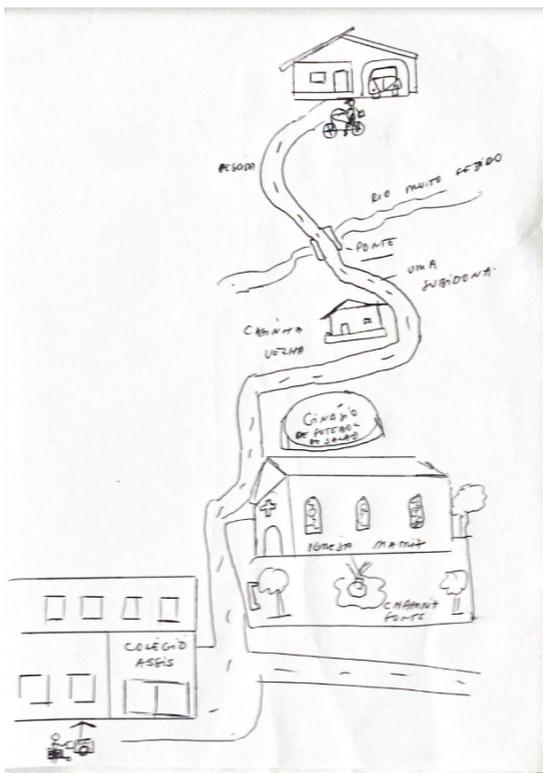
Segundo o texto de Neves (2008), as imagens que criamos através do nosso aparato biológico às vezes consideram coisas das paisagens e dos objetos e em outros momentos não, porém não tem como ficarmos sem usar a imaginação, sempre estamos criando. Ela traz o

exemplo de um desenho chamado “A Mansão Foster para Amigos Imaginários”(MCCRACKEN, apud NEVES, 2008), onde as crianças criam amigos a partir da sua imaginação e eles surgem no momento que elas começam a construir em suas mentes como eles se parecem. Segundo a autora, o desenho propõe a representação como ação, enquanto pensam sobre, estão criando. Quando os participantes dos estudos para esse TCC foram solicitados para desenhar o mapa afetivo do caminho até a escola, já estavam tentando lembrar ou imaginar o que havia de interessante nesse caminho e já criavam a imagem em suas mentes. Além disso, o pensar sobre a escola traz sentimentos diferentes para cada pessoa e isso é também colocado no papel através do desenho.

Lacerda(2011) usa alguns conceitos que ajudam a analisar os desenhos das paisagens. Esses conceitos são chamados por ela de “Sentido do Lugar”. O primeiro são “atributos físico-ambientais”, que é tudo que nos cerca, elementos naturais e elementos construídos pelo homem, assim como as relações sociais. O segundo, a autora denomina de “atividades e usos”, como aquele ambiente é utilizado pelas pessoas que convivem ali. É quando o ambiente influencia o comportamento humano ou é influenciado. O terceiro é a “Análise Visual”, que analisa o que é subjetivo, emocional, influenciado pelo meio que gera através da nossa visão diferentes emoções. E por último a “Percepção Ambiental”, que é a identificação de imagens que fazem parte do que a autora chama de memória coletiva, imagens públicas. Tudo isso é estudado pelo o que a autora chama de “Psicologia Ambiental”: “[...] estudo das relações entre o comportamento, a experiência humana e os ambientes naturais e construídos. (apud Bell, Greener, Fischer e Baun apud LACERDA, 2011, p.57).

Mapear não se trata de uma visão realista do mundo, ou seja, um mundo pronto e nem pertence totalmente ao mundo das ideias, visão idealista onde recriamos esse mundo nas nossas mentes. Segundo Neves (2008), a representação do mapa deve estar entre esses dois mundos, onde conseguimos não só ver os sentimentos envolvidos, mas também objetos, ambientes que nos influenciam. Ela traz também alguns tópicos que podem ser usados na análise desses desenhos: os mapas precisam estar entre o subjetivo e o objetivo, mostrando tanto o autor como a sua experiência dentro daquele ambiente; não precisa ter regras pré-determinadas; é interessante que seja representado o tempo, a plasticidade e o movimento; possuir corpo e espaço; de preferência não usar símbolos prontos mas sim a sua construção e por último, buscar lembrar mais da sua experiência no ambiente e não se preocupar tanto com o resultado.

Figura I



Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura II



Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura III



Fonte: Samara Saráty, 2022.

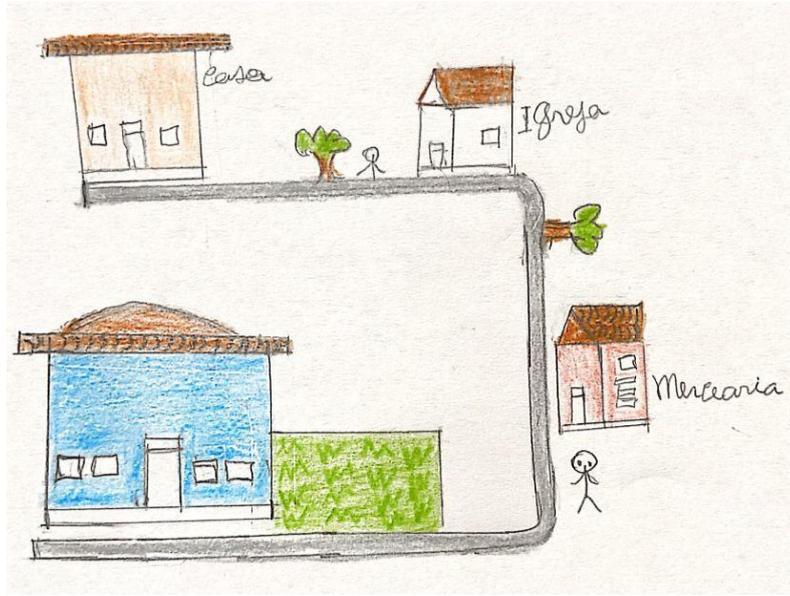
Figura IV

Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura V

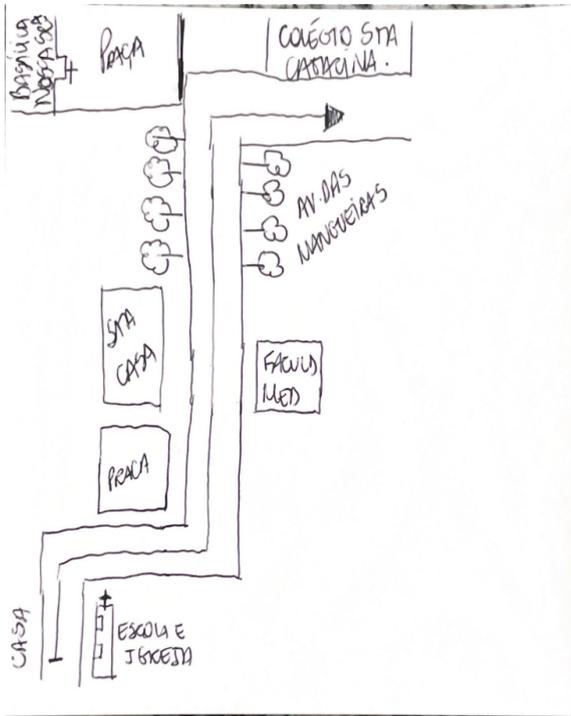
Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura VI



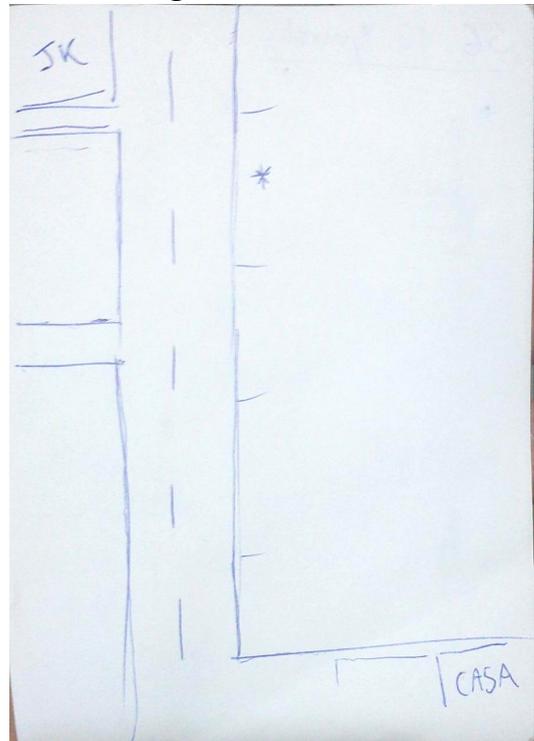
Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura VII



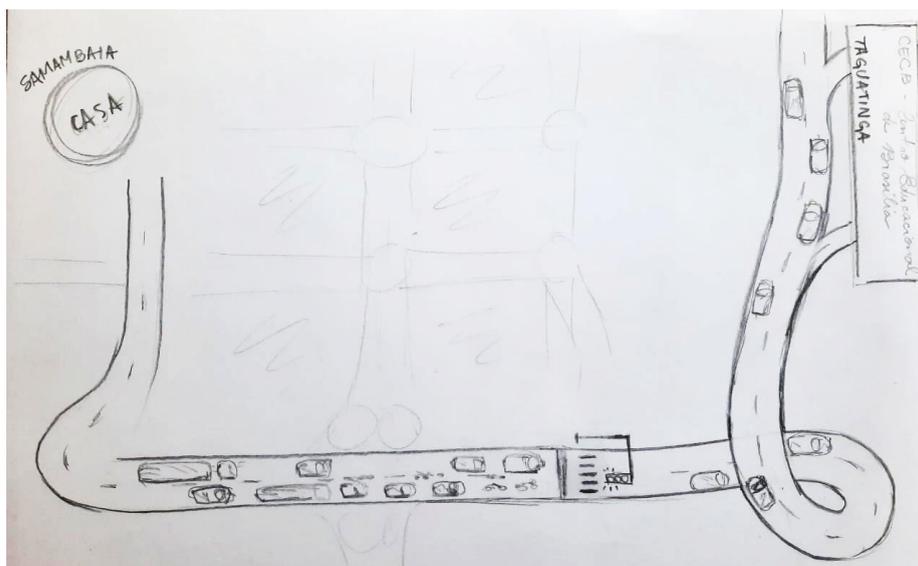
Fonte Samara Saráty, 2022.

Figura VIII



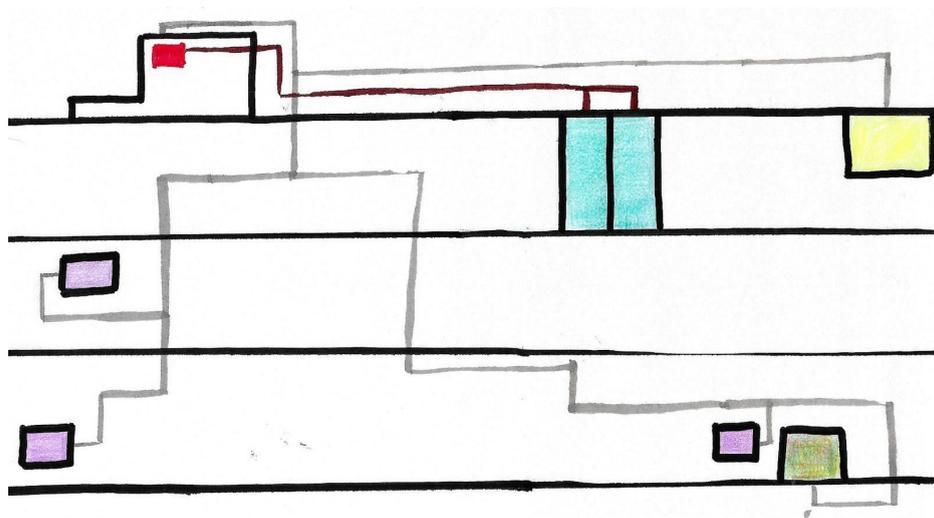
Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura IX



Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura X



Fonte: Samara Saráty, 2022.

Figura XI



Fonte: Samara Saráty, 2022.

Antes de começar com as análises, algumas considerações: trouxe parâmetros de análise desses mapas, mas tenho como foco deste capítulo tentar perceber a afetividade através desses desenhos que recebi, além disso, classifiquei em grupos esses trabalhos os separando por elementos ou composições parecidas. Esses desenhos foram feitos por pessoas de faixa etária muito diferentes, com realidades e profissões distintas. O enunciado que eu propus para os participantes foi o seguinte: façam o desenho de um mapa do caminho que faziam das suas casas até a escola. A partir daí recebi muitos questionamentos e comentários: “você quer que eu desenhe exatamente o caminho?”, “como vou fazer isso se não sei desenhar?” por exemplo. Não respondi já que queria perceber a interpretação de cada um, a imaginação e a criatividade ao representar o percurso, a forma como iriam desenhar depois de muitos anos sem criar, a afetividade que tinham com a escola e com o lugar onde moravam.

Foi interessante perceber como na maioria das figuras há a representação das igrejas que normalmente são marcos nos bairros e nas cidades pequenas. Elementos da natureza como rios, árvores e animais são mais registrados por pessoas que estudaram no interior ou em bairros menores. Percebi que foram colocados muitos lugares de afeto como casas de parentes, de amigos e “vendinhas” que frequentavam. Nas figuras I, III e IV, vimos um grande destaque para natureza, com algumas representações da flora local. Nos desenhos I, II

e III é perceptível como o signo da casa, das árvores e de pessoas está bem presente, já nas figuras IV e V vemos uma representação mais diferenciada das casas. As escolas das figuras II, III, VI e XI são colocadas com pouco destaque em relação aos outros elementos desenhados. Houve um destaque também para os meios de transporte utilizados, como carros nas figuras II e VIII. As figuras VI, VII e VIII, optaram por representações convencionais de um mapa, não exploraram muito a imaginação e ficaram muito presos ao enunciado tendendo ao perfeccionismo da imagem. Porém é compreensível já que alguns deles me relataram situações de violência sofridas nesse caminho. As figuras IX, X e XI, foram as que fugiram mais da concepção de mapa tradicional. Destaco a figura IV, X e XI em que percebemos a atmosfera dos espaços, além disso a nostalgia dos caminhos. A figura IV é muito intrigante porque apesar de parecer um mapa comum num olhar rápido, ela na verdade se torna uma interpretação desse conceito e a representação de vários caminhos feitos pela mesma pessoa, o que me parece ser a sua rotina. Além disso, ficamos confusos por não sabermos onde está a casa e onde está a escola e isso pode ter sido uma sensação subjetiva, mas me passou a sensação de passar muito tempo na escola, o que acaba trazendo essa confusão de funções.

Podemos interpretar dessas análises como a escola tem um lugar sim de afeto na vida de muitas pessoas. Na maioria das representações vimos a nostalgia dos caminhos que eram feitos na infância. Assim como momentos de convivência tanto nos ambientes escolares quanto nos espaços pelos quais passavam. Percebi também em alguns trabalhos a dificuldade da lembrança desse tempo, por experiências desagradáveis nesses caminhos e provavelmente dentro das instituições.

Como dito anteriormente nesse capítulo, baseando-me em Neves(2008) e em Lacerda(2011), as experiências que vivemos tem uma ligação direta em como registramos os ambientes pelos quais passamos e em como vivenciamos esses lugares. Além disso, foi interessante perceber os níveis de interpretação de acordo com as prováveis personalidades, alguns mais perfeccionistas e outros mais criativos em suas representações. Também volto a destacar o fato de que em sua grande maioria, não desenhavam a tempos e dedicaram um tempo não só para isso mas para tentar lembrar dos detalhes dos caminhos que faziam. Alguns objetos desses caminhos se destacaram tanto que foram capazes de atravessar anos de memória. A experiência escolar nos marca como mapas, a levamos por toda a vida.

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM HQ

VAZIO NASALA: RELATOS DE UMA OBSERVAÇÃO NA ESCOLA DA NATUREZA

por: SAMARA SARATY



@SAMARA SARATY

VAZIO NASALA: RELATOS DE UMA OBSERVAÇÃO NA ESCOLA DA NATUREZA

UM A UM OS ALUNOS FORAM SAINDO DA SALA. DESAMIMARAM NO MEIO DA AULA E FORAM INVENTANDO desculpas PARA SAIR.



EU SÓ ESTAVA OBSERVANDO E EM RESPEITO À PROF RESOLVI NÃO ME ENVOLVER.



ESSA ESCOLA NÃO FOI FEITA P/ ALUNOS DESSA IDADE. OS AMBIENTES SÃO APERTADOS E FAZ MUITO CALOR. DEVE SER MUITO DIFÍCIL P/ OS PROFESSORES E P/ OS ALUNOS.



ME DESPEDI DA PROF E DA ESCOLA COM UM SENTIMENTO DE QUERER TRANSFORMAR TUDO E DAR AULAS DE ARTES INCRÍVEIS MAS AS DIFICULDADES DA PROFISSÃO DEVEM DESMOTIVAR COM O TEMPO.



CONCLUSÃO

Com esse estudo pude compreender como o ensino do desenho e seus professores foram negligenciados por muitos anos no Brasil. O desenho em si era mais utilizado para profissionalização de pessoas que trabalhariam na indústria, portanto poderia ser ensinado por qualquer professor que fosse engenheiro. Pouco se trata do afeto, do pensamento crítico e de como o desenho auxilia em muitos processos cognitivos.

É importante entender que essa defasagem do ensino do desenho vem desde a educação básica até o ensino superior, onde professores em formação, quando se interessam pela área, não encontram esse apoio nas universidades e acabam fazendo cursos particulares para evoluírem em suas produções e darem aula de desenho. Por não terem essa formação, alunos do ensino básico também não recebem esse conteúdo e o ciclo é perpetuado.

Espero que com esse trabalho eu consiga ter reunido bibliografias que possam ajudar em pesquisas futuras sobre o tema. Um interesse grande desse estudo era alinhar interesse por desenhar com educação e espero ter conseguido.

Para pesquisadores futuros, sugiro se aprofundarem nas questões que envolvem o ensino do desenho e o cérebro. Cury (2007) foi o que inspirou esse tema de pesquisa. Ela é uma artista que fez seu doutorado na área da saúde, apoiando-se na neurociência para conseguir compreender as vantagens do estudo das artes para o cérebro. Por falta de tempo e de bagagem resolvi deixar esse tema para pesquisas futuras, mas seria muito interessante tratar por exemplo da plasticidade do cérebro para explicar como se pode aprender a desenhar em qualquer momento da vida, mas isso fica para outra pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Claudio Silveira. **John Ruskin e o ensino do desenho no Brasil**. Editora Unesp. 2011. < **Disponível em:** http://editoraunesp.com.br/catalogo/9788539302048_john-ruskin-e-o-ensino-do-desenho-no-brasil Acesso em: 13 de novembro de 2021>

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil. Realidade hoje e expectativas futuras**. Relato encomendado pela UNESCO à INSEA. “Congress on Quality on Art Teaching”. Tradução: Sofia Fan. < **Disponível em:** www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010 Acesso em: 11 de novembro de 2021>

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte. Anos 1980 e novos tempos**. Editora Perspectiva. 1º ed. São Paulo. 2019.

CURY, Vera. **RELAÇÕES ENTRE A NEUROCIÊNCIA E O ENSINO E APRENDIZAGEM DAS ARTES PLÁSTICAS**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 2007. < **Disponível em:** <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-23072009-204411/publico/5062962.pdf> Acesso em: 11 de novembro de 2021>

CENCI, Adriane. DAMIANI, Magda F. **Desenvolvimento da Teoria Histórico-Cultural da Atividade em três gerações: Vygotsky, Leontiev e Engeström**. Roteiro, vol. 43, núm. 3, pp. 919-948, Santa Catarina, 2018.

COSTA, Gisele. **O afeto que educa: afetividade na aprendizagem**. Universidade de Brasília. Brasília, 2017. ‘

CURY, Vera. **Relações entre a neurociência e o ensino e aprendizagem das artes plásticas**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 2007. < **Disponível em:** <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-23072009-204411/publico/5062962.pdf> Acesso em: Novembro 2019 >

LACERDA, Hiatiane C. **O desenho da percepção afetiva: o caso da Vila Telebrasil - DF**. Orientador: Luiz A, Gouvêa. Universidade de Brasília. FAU. Brasília, 2011.

LEBORG, CRHISTIAN. **VISUAL GRAMMAR**. Princeton Architectural Press. Primeira edição, Nova York, 2006.

NEVES, Heloisa. **Mapas do Encanto - Estudos da Percepção**. São Paulo: Annablume, 2010.

MACHADO, Rosilene B.; FLORES, Regina C. **Quando fui professor de desenho... Reflexões sobre uma formação**. Educ. Matem. Pesq, São Paulo, v.15, n.2, pp. 431-446, 2013.

SOUZA, Vera L. T.; ANDRADA, Paula C. **Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo**. 2013.

SILVA, João Roberto R. T.; LYRA, Maria da Conceição D. P. **Rememoração: contribuições para a compreensão do processo de aprendizagem de conceitos científicos.** Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru. 2017.

SILVA, A. A aprendizagem mediada por signos e a construção de conceitos em uma perspectiva vigotskiana. Rio de Janeiro, 2017.

TSUHAKO, Yaeko N. **O desenho como linguagem expressiva: um estudo à luz da teoria histórico-cultural.** Programa de pós-graduação em mestrado em Educação - UNESP, Marília, 2016.